

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.

402. A REPÚBLICA DO INTERIOR PAULISTA

Transcorrida ontem a data assinaladora da proclamação da República em nosso país, ocorre-nos comentar algo que sempre nos pareceu significativo na história da propaganda republicana, desde o lançamento do primeiro manifesto, em 1870 até a proclamação do novo regime em 1889: a participação de cidades do interior nessa fase da propaganda, em diversas províncias do país, cidades que não raro sediaram convenções, congressos (ou que outros nomes tenham) a atestar de maneira inequívoca que a movimentação cívica não era privilégio das capitais.

Localidades até então de pouca ou mesmo nenhuma presença na história do país, tornam-se centros de movimentos importantes que determinam a inserção de seus nomes na crônica republicana.

Ainda está por ser feito um levantamento com o devido significado dessa participação interiorana na propaganda republicana. Nenhuma cidade de certa importância deixou de ter o seu clube ou sua imprensa republicana. Muitos desses clubes perdendo sua função com a proclamação do novo regime, transformaram-se em clubes sociais ou recreativos e, nesta qualidade, vários deles existem até hoje.

Mais ainda: duas cidades do interior - e por sinal do interior paulista - receberam cognomes vinculados à República, o que não ocorreu

com nenhuma capital do país. Uma, a nossa Itu, foi denominada “Berço da República”; outra, Campinas, recebeu o cognome de “Meca da República”. Dois cognomes significativos que, certamente, não foram dados sem razão. Duas cidades de muita participação na vida política da província, talvez mais ainda Itu que Campinas, pois é pelo menos um século mais velha. E quanta gente dessas cidades - tornamo-nos a dizer ainda mais de Itu que de Campinas - teve intensa atuação na vida da província e do Império!

Apenas não entendemos bem - e nossos queridos amigos ituanos não vão ficar zangados conosco - porque Itu foi denominada “Berço da República” e nem sabemos como surgiu esse cognome e a quem ele é devido. Se a República teve um berço, quer nos parecer ter sido ele o Rio de Janeiro. Foi lá que se fundou o Partido Republicano, de lá foi que partiu o primeiro manifesto republicano e, afinal, lá é que foi proclamada a República... É certo que Itu sediou uma importante, talvez mesmo a mais importante convenção realizada em terra paulista, mas não nos esqueçamos que numerosas outras cidades em todo o país também sediaram reuniões republicanas. Mas, fiquem tranqüilos nossos caríssimos amigos ituanos (e são tantos...), não vamos pleitear a retirada do epíteto de que tanto se orgulha a “fidelíssima” cidade paulista, a ponto de comemorá-lo anualmente com festas e reuniões culturais. Parece-nos Itu ser a cidade paulista que mais comemora a República, muito mais do que Campinas, que nem se lembra do glorioso epíteto que lhe deu Quintino Bocaiuva... Este civismo ituano parece-nos profundamente significativo e que ele permaneça sempre para a honra e glória da cidade. 16-11-2002

*

403. UMA “GEOGRAFIA” JÁ “HISTÓRICA”

Uma história dos estudos geográficos no Brasil não poderia omitir a obra de Johann Eduard Wappaus, alemão de Hamburgo, nascido a 17 de março de 1812 e falecido em Göttingen, de cuja universidade era professor, a 10 de dezembro de 1879. Dele disse o historiador pernambucano Alfredo de Carvalho que foi geógrafo notável e que a sua obra sobre o

Brasil é um verdadeiro monumento de criteriosa erudição. Por sua vez, Oscar Canstatt, em seu elenco de alemães que escreveram sobre o nosso país, afirmou que ele não só reuniu para a elaboração de seu livro todo o material existente na literatura alemã e estrangeira, como dispôs de informações, apontamentos e considerações próprios colhidas na viagem que realizou ao Brasil em 1833-1834. Lembrando que sua obra poderia ainda por muito tempo ser tida como clássica em quase todos os pontos, anotava também alguns dados relativos a pontos que exigiriam ainda “conexões mais ou menos extensas”. Mas, apesar das restrições, lembrava que a obra “pertence ao número dos livros fundamentais no domínio da literatura geográfica alemã”.

A obra mereceu tradução parcial por Capistrano de Abreu e Alfredo Valle Cabral, publicada pela Editora Leuzinger, do Rio de Janeiro, em 1884 e com o título simplificado para “Geografia Física do Brasil”. Lembravam os tradutores, logo a advertência inicial, que a obra merecia ser conhecida entre nós, querendo dizer com esta simples frase algo significativo acerca de seu valor. Os tradutores pedem desculpas por não serem os mais indicados para a tradução e citam numerosas personalidades do mundo cultural brasileiro da época aos quais ficaram devendo alguma contribuição para a realização de suas tarefas: entre eles, Saldanha da Gama, Orville Derby, Homem de Melo, Ramiz Galvão, aos quais julgaram de justiça anexar o nome de Leitenberger, “que fez grande parte da tradução.

Nunca se soube porque a tradução não se completou. Apenas, na conclusão do prefácio ocorre esta informação significativa: “esta edição condensada é uma edição preparatória; assim mesmo, parece-nos que será tão útil à atual geração, quando foi a “Chorographia Brasilica”, de Aires do Casal à geração de 1817”. E simplesmente os tradutores acrescentam que “o segundo volume” seria publicado dentro de poucos meses e para ele já contavam com a colaboração de “especialistas muito distintos, que torná-lo-ão quase um novo livro”. Mas... ficou nisso o volume de 1884, que temos o privilégio de possuir, figurando, assim, entre as peças mais raras de nossa biblioteca geográfica, embora atualmente já uma obra por assim dizer “histórica”. 28-12-2002.

404. À MEMÓRIA DE UM SACERDOTE-HISTORIADOR

Apraz-nos neste artigo de hoje dedicar algumas linhas a uma das mais expressivas figuras do clero paulista, o “quase ituano” Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo (1896-1972). É também uma das figuras mais significativas da historiografia religiosa de São Paulo.

Natural de Cabreúva, oriundo de velhos troncos ituanos, foi ordenado sacerdote em 1921. Iniciou sua carreira pastoral como vigário da velha cidade de Parnaíba, posteriormente denominada Santana de Parnaíba. Ali, “ao abrigo das tradições bandeirantes e no fluir tranqüilo da vida de um pároco de roça” (como pertinentemente lembrou Hélio Damante) começou a se dedicar à investigação histórica, publicando, em 1935, seu primeiro trabalho - “Notas para a História de Parnaíba” - volume este que, inteiramente revisto e ampliado, mereceu reedição alguns anos mais tarde, seguido de outros trabalhos que o credenciaram, projetando seu nome como incansável rebuscador dos fatos da história eclesiástica paulista, o que levou o saudoso arcebispo Dom José Gaspar a encarregá-lo de escrever a crônica da arquidiocese paulistana.

Dessa feliz iniciativa resultaram os sete volumes de “A Igreja na História de São Paulo”, cuja publicação se fez entre 1952 e 1955 para assinalar a contribuição da Igreja às comemorações do quarto centenário da cidade de São Paulo. Obra que, certamente ficou inconclusa, pois alcança só até a metade do século XIX, com a biografia de Dom Antônio Joaquim de Melo, um dos bispos da diocese paulistana e ao qual nossa Itu muito deve, tanto no terreno religioso como no educacional.

Na carreira sacerdotal, seu nome está intimamente vinculado à Igreja do Divino Espírito Santo, matriz da paróquia da Bela Vista, na capital paulista, da qual foi vigário por mais de trinta anos.

Pesquisando para escrever sua grande obra sobre a Igreja em São Paulo, realizou investigações paralelas que lhe permitiram publicar outras monografias eruditas, como “A fundação do Bispado de São Paulo e seu primeiro bispo” (1945) e a “História eclesiástica do Brasil” (1955). Antes, já havia publicado “Dom Antônio Joaquim de Melo e seu tempo” e “Fontes primárias para a história religiosa de São Paulo” (1948). Embora lacunosa em alguns pontos, pode-se considerar sua obra o que de mais completo se publicou sobre o tema.

Integrou o quadro social do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, do qual foi presidente por muito tempo. Daí nossa preocupação, sempre demonstrada, de incluir seu nome, necessariamente, num panorama da historiografia brasileira. 4-1-2002.

*

405. DA RELIGIÃO AO FOLCLORE E À HISTÓRIA

A seqüência com que titulamos esta nota representa, na realidade, a transição assinaladora da atividade intelectual de uma das mais expressivas figuras da cultura paulista falecida em princípios de dezembro do ano findo. E ao empregarmos a palavra “paulista”, gostaríamos de frisar não apenas o seu caráter de nascido em São Paulo, mas ao fato de, poucos como ele, terem sentido e extravasado sua naturalidade como um verdadeiro “estado de espírito”, que transcende à simples naturalidade. Poucos, a este respeito, foram tão paulistas quanto Hélio Damante.

A seqüência do título demonstra que foi como cronista religioso que iniciou sua longa carreira de cinquenta anos de jornalismo, e sempre em “O Estado de S. Paulo”, onde se tornou conhecido simplesmente por HD, substituindo a um JR que, antes, assinava a coluna “Movimento religioso” do grande matutino.

Tivemos o privilégio de acompanhar de perto sua carreira que o levou a um dos pontos significativos da cultura paulista, a princípio com o folclore e depois com a própria História. Destacou-se com a colaboração ao historiador português Jaime Cortesão na organização da magnífica exposição histórica que constituiu certamente o ponto alto das comemorações do quarto centenário da fundação da cidade de São Paulo em 1954.

Contamos com a sua colaboração direta num programa que idealizamos visando à realização periódica de congressos de história paulista, o primeiro dos quais, com sua assistência, conseguimos realizar em Campinas, em 1971. Infelizmente, a idéia não vingou, pois apenas um

segundo foi realizado em Araraquara e um terceiro, planejado para Santos, não chegou a efetuar-se.

Data dessa nossa preocupação o relacionamento cada vez maior com Hélio Damante. Tornamo-nos confrades no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Academia Paulista de História e na Academia Paulista de Jornalismo, entidades a que deu todo o apoio enquanto o permitirem suas condições de saúde.

O fato de haver Paulo Prado publicado um livro sobre a História de São Paulo intitulado “Paulística”, dos mais significativos de nossa bibliografia histórica, sugeriu a Hélio Damante publicar uma “Nova Paulística”, magnífico painel de ensaios sobre a nossa terra. As publicações históricas paulistas e a própria imprensa sempre abriram espaço para os excelentes artigos de nosso saudoso autor. Seu último livro, “A Rainha Vitória e o Brasil” (1999) trata com perspicácia da influência vitoriana no Brasil.

Passando seus últimos anos na pequena cidade de Perdões, à margem da Rodovia D. Pedro I (aliás sua terra natal), acalentou o desejo de escrever sobre o povoamento e a própria história da região por muitos anos decadente, mas hoje altamente valorizada com a construção da bela rodovia. Infelizmente, sua vida abreviou-se antes que sequer iniciasse a redação do que seria seu último livro. 18-1-2003.